



Sonetos Amorosos

6/11

CI

Coitado, que em um tempo choro e rio,
Espero, temo, quero e aborreço.
Juntamente me alegre e entristeço,
De uma cousa confio e desconfio.

Avoo sem asas, estou cego e guio,
E no que valho mais menos mereço;
Calando, dou vozes; falo e emudeço,
Nada me contradiz e eu aporfio.

Queria, se ser pudesse, o impossível;
Queria poder mudar-me e estar-me quedo,
Usar de liberdade e ser cativo.

Queria que visto fosse e invisível;
Queria desendedar-me e mais me enredo,
Tais são os extremos em que triste vivo.



Sonetos Amorosos

6/11

CII

**Julga-me a gente toda por perdido
Vendo-me, tão entregue a meu cuidado.
Andar sempre dos homens apartado
E dos tratos humanos esquecido.**

**Mas eu, que tenho o mundo conhecido
E quase que sobre ele ando dobrado,
Tenho por baixo, rústico, enganado,
Quem não é com meu mal engrandecido.**

**Vão revolvendo a terra, o mar e o vento,
Busque riquezas, honras a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma.**

**Que eu só, em humilde estado, me contento
De trazer esculpido eternamente
Vosso formoso gesto dentro n'alma.**



Sonetos Amorosos

6/11

CIII

Sempre a Razão vencida foi de Amor;
Mas, porque assim o pedia o coração,
Quis Amor ser vencido da razão.
Ora que caso pode haver maior!

Novo modo de morte e nova dor!
Estranheza de grande admiração;
Que perde suas forças a afeição,
Por que não perca a pena o seu rigor.

Pois nunca houve fraqueza no querer,
Mas antes muito mais se esforça assim
Um contrário com outro, por vencer.

Mas a Razão, que a luta vence, enfim,
Não creio que é razão; mas há-de ser
Inclinação que eu tenho contra mim.



Sonetos Amorosos

6/11

CIV

Tal mostra dá de si vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças e o pudor da Natureza
Com sua claridade mais apura.

Quem viu uma confiança tão segura,
Tão singular esmalte da beleza,
Que não padeça mais, se ter defesa
Contra vossa gentil vista procura?

Eu, pois, por escusar tal esquivança,
A razão sujeitei ao pensamento
Que, rendida, os sentidos lhe entregaram.

Se vos ofende o meu atrevimento,
Ainda podeis tomar nova vingança
Nas relíquias da vida, que escaparam.



Sonetos Amorosos

6/11

CV

Que modo tão subtil da Natureza,
Para fugir ao mundo e seus enganos,
Permite que se esconda, em tenros anos,
Debaixo de um burel tanta beleza!

Mas esconder-se não pode aquela alteza
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplendor entre os humanos
Resistência não sinto, ou fortaleza.

Quem quer livre ficar de dor e pena,
Vendo-a ou trazendo-a na memória,
Na mesma razão sua se condena.

Porque quem mereceu ver tanta glória,
Cativo há-de ficar; que Amor ordena
Que de juro tenha ela esta vitória.



Sonetos Amorosos

6/11

CVI

Seguia aquele fogo, que o guiava,
Leandro, contra o mar e contra o vento;
As forças lhe faltavam já e o alento;
Amor lhas refazia e renovava.

Depois que viu que a alma lhe faltava,
Não esmorece; mas, no pensamento,
— Que a língua já não pode — seu intento
Ao mar, que lho cumprisse, encomendava.

“Oh mar — dizia o moço só consigo —,
Já te não peço a vida; só queria
Que a de Hero me salves; não me veja.

Este meu corpo morto, lá o desvia
Daquela torre. Sê-me nisto amigo,
Pois no meu maior bem me houveste inveja”.



Sonetos Amorosos

6/11

CVII

Fortuna em mim guardando seu direito,
Em verde derrubou minha alegria.
Oh! quanto se acabou naquele dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!

Quando contemplo tudo, bem suspeito
Que, a tão bem, tal desconto se devia,
Por não dizer o mundo que podia
Achar-se em seu engano bem perfeito.

Mas se a fortuna o fez por descontar-me
Aquele gosto, em cujo sentimento
A memória não faz senão matar-me,

Que culpas pode dar-me o sofrimento,
Se a causa que ele tem de atromentar-me,
Eu tenho de sofrer o seu tormento?



Sonetos Amorosos

6/11

CVIII

Ah Fortuna cruel! Ah duros Fados!
Quão asinha em meu dano vos mudastes!
Passou o tempo que me descansastes,
E agora descansais com os meus cuidados.

Deixastes-me sentir os bens passados,
Para mor dor da dor que me ordenastes;
Então numa hora juntos mos levastes,
Deixando em seu lugar males dobrados.

Ah! quanto melhor fora que não vos ver,
Gostos, que assim passais tão de corrida
Que fico duvidoso se vos vi.

Sem vós já me não fica que perder,
Senão se for esta cansada vida
Que, por mor perda minha, não perdi.



Sonetos Amorosos

6/11

CIX

Que doudo pensamento é o que sigo?
Após que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mim, que não me entendo;
Nem o que calo sei, nem o que digo.

Pelejo com quem trata paz comigo;
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pretendo?
Quem do meu próprio mal me faz amigo?

Porque, se nasci livre, me cativo?
E pois o quero ser, como não quero?
Porque me engano mais com desenganos?

Se já desesperarei, que mais espero?
E, se ainda espero mais, como não vivo
Esperando algum bem de tantos anos?



Sonetos Amorosos

6/11

CX

Onde porei meus olhos que não veja
A causa de que nasce o meu tormento?
Ou a que parte irei co pensamento
Que, para descansar, parte me seja?

Engana-se quem busca ou quem deseja
Em vão a mor firmeza no contento;
Que todo seu prazer é névoa ao vento,
Onde sempre o bem falta e o mal sobeja.

Anda minha alma cega, anda enganada.
A luz não busco; nem me desengano,
Nem curo de razão. Busco o desejo.

Após um não seu quê, após um nada,
Onde é certo o perigo e certo o dano;
Que quanto mais me chego, menos vejo.



Sonetos Amorosos

6/11

CXI

Quando cuido no tempo que, contente,
Vi pérolas, neve, rosa e ouro,
Como quem vê por sonho um tesouro,
Parece tenho tudo aqui presente.

Mas tanto que se passa este acidente,
E vejo o quão distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Por que de imaginar também me ausente.

Já foram dias em que por ventura
Vos vi, Senhora, se assim dizendo posso,
Co coração seguro estar, sem medo;

Agora, em tanto mal não me assegura
A própria fantasia e nojo vosso;
Eu não posso entender este segredo!



Sonetos Amorosos

6/11

CXII

Quando, Senhora, quis Amor que amasse
Essa grã perfeição e gentileza,
Logo deu por sentença que a crueza
Em vosso peito amor acrescentasse.

Determinou que nada me apartasse;
Nem desfavor cruel, nem aspereza;
Mas que em minha raríssima firmeza
Vossa isenção cruel se executasse.

E pois tendes aqui oferecida
Esta alma vossa a vosso sacrifício,
Acabei de fartar vossa vontade.

Não lhe alargueis, Senhora, mais a vida;
Acabará morrendo em seu ofício,
Sua fé defendendo a lealdade.



Sonetos Amorosos

6/11

CXIII

Eu vivia de lágrimas isento,
Num engano tão doce e deleitoso
Que, em que outro amante fosse mais ditoso,
Não valiam mil glórias um tormento.

Vendo-me possuir tal pensamento,
De nenhuma riqueza era invejoso;
Vivia bem, de nada receoso,
Com doce amor e doce sentimento.

Cobiçosa, a Fortuna me tirou
Deste meu tão contente e alegre estado,
E passou-se este bem, que nunca fora;

Em troco do qual bem só me deixou
Lembranças, que me matam cada hora,
Trazendo-me à memória o bem passado.



Sonetos Amorosos

6/11

CXIV

**Indo o triste pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Tais queixas espalhava ao leve vento
C'um brando suspirar de alma saído:**

**“A quem me queixarei, cego, perdido?
Pois nas pedras não acho sentimento?
Com quem falo? A quem digo meu tormento
Que onde mais chamo, sou menos ouvido?**

**Oh! bela Ninfa, porque não respondes?
Porque o olhar-me tanto me encareces?
Porque queres que sempre me querele?**

**Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assim que co mal cresce a causa dele”.**



Sonetos Amorosos

6/11

CXV

Este amor que vos tenho, limpo e puro,
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado
Tê-lo dentro nesta alma só procuro.

De haver nele mudanças estou seguro,
Sem temer nenhum caso ou duro Fado,
Nem o supremo bem ou baixo estado,
Nem o tempo presente nem futuro.

A bonina e a flor asinha passa;
Tudo por terra o Inverno e Estio deita:
Só para meu amor é sempre Maio.

Mas ver-vos para mim, Senhora, escassa,
E que essa ingratidão tudo me enjeita,
Traz este meu amor sempre em desmaio.



Sonetos Amorosos

6/11

CXVI

Quem presumir, Senhora, de louvar-vos
Com humano saber e não divino,
Ficará de tamanha culpa dino
Quamanha fícais sendo em contemplar-vos.

Não pretenda ninguém de louvor dar-vos,
Por mais que raro seja e peregrino;
Que vossa formosura eu imagino
Que Deus a Ele só quis comparar-vos.

Ditosa esta alma vossa, a que quisestes
Em posse pôr de prenda tão subida
Como, Senhora, foi a que me destes.

Melhor a guardarei que a própria vida;
Que, pois mercê tamanha me fizestes,
De mim será jamais nunca esquecida.



Sonetos Amorosos

6/11

CXVII

Quem pudera julgar de vós, Senhora,
Que com tal fé podia assim perder-vos,
Se vir eu por amor a aborrecer-vos?
Que dei-de fazer sem vós somente uma hora?

Deixastes quem vos ama e vos adora,
Tomastes quem quiçá não sabe ver-vos.
Eu fui o que não soube merecer-vos,
E tudo entendo e choro, triste, agora.

Nunca soube entender vossa vontade,
Nem a minha mostrar-vos verdadeira,
Ainda que clara estava esta verdade.

Em mim viverá ela sempre inteira;
E, se para perder já a vida é tarde,
A morte não fará que vos não queira.



Sonetos Amorosos

6/11

CXVIII

Vencido está de amor, meu pensamento
O mais que pode ser vencida a vida,
Sujeita a vos servir e instituída,
Oferecendo tudo a vosso intento.

Contente deste bem, louva o momento
Ou hora em que se viu tão bem perdida;
Mil vezes desejando a tal ferida
Outra vez renovar seu perdimento.

Com esta pretensão está segura
A causa que me guia nesta empresa
Tão estranha, tão doce, honrosa e alta.

Jurando não seguir outra ventura,
Votando só por vós rara firmeza,
Ou ser no vosso amor achado em falta.



Sonetos Amorosos

6/11

CXIX

Sempre, cruel Senhora, receei,
Medindo vossa grã desconfiança,
Que desse em desamor vossa tardança,
E que me perdesse eu, pois vos amei.

Perca-se, enfim, já tudo o que esperei,
Pois noutro amor já tendes esperança.
Tão patente será vossa mudança
Quanto eu encobri sempre o que vos dei.

Dei-vos a alma, a vida e o sentido;
De tudo o que em mim há vos fiz senhora.
Prometeis e negais o mesmo Amor.

Agora tal estou que, de perdido,
Não sei onde vou; mas alguma hora
Vos dará tal lembrança grande dor.



Sonetos Amorosos

6/11

CXX

Esses cabelos louros e escolhidos,
Que o ser ao claro sol estão tirando;
Esse ar tão peregrino, em que cuidando
Estão continuamente meus sentidos;

Esses furtados olhos tão fingidos
Que minha morte e vida estão causando;
Essa formosa graça que, em falando,
Finge meus pensamentos não ser cridos;

Esse compasso certo, essa medida
Que faz dobrar no corpo a gentileza,
Essa beldade em terra tão subida,

Amostre piedade, e não crueza;
Que são laços que Amor tece na vida,
Em mim de sofrimento, e em vós dureza.